

GRAVURA NA REDE: DEMOCRATIZAÇÃO, PRÁTICAS CONTEMPORÂNEAS E DIVULGAÇÃO DA ARTE DA GRAVURA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-212>

Daniel Lucena da Hora Alves

Artista Visual, Designer e Professor. Doutorando em design no Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Pernambuco, (UFPE). Bacharel em Design e Mestre em Comunicação e Semiótica pela mesma instituição. Professor na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), é coordenador do Laboratório de Artes Gráficas, espaço acadêmico do Departamento de Artes Visuais da UFPB

E-mail: danieldahora@me.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7050-4269>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4010111674034835>

RESUMO

O artigo aborda o projeto de extensão “Gravura na Rede”, realizado pelo curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como uma proposta interdisciplinar que articula ensino, pesquisa e extensão para democratizar o acesso à prática artística da gravura. Baseado em metodologias híbridas, o projeto promove oficinas e atividades que ressignificam técnicas tradicionais de gravura ao integrar processos contemporâneos e digitais, consolidando-se como um espaço de experimentação artística e transformação social. Os resultados revelam a potencialidade da gravura como uma linguagem relacional e crítica, capaz de gerar impacto tanto na formação acadêmica quanto nas comunidades atendidas, evidenciando a relevância da extensão universitária no fortalecimento do vínculo entre a universidade e a sociedade.

Palavras-chave: Gravura. Arte Contemporânea. Extensão Universitária. Práticas Relacionais. Transformação Social.



1 INTRODUÇÃO

A gravura, enquanto prática artística, ocupa um lugar singular na história da arte brasileira, atravessando gerações como uma forma de expressão marcada pela técnica, pela multiplicidade e pela democratização do acesso à arte. Desde os primórdios, quando oficinas como as do Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro introduziram a gravura como uma linguagem autônoma e potente no início do século XX, até os dias atuais, essa técnica se afirma como um território de experimentação que transita entre a tradição e as linguagens contemporâneas. Sua capacidade de reproduzir imagens e, ao mesmo tempo, preservar a singularidade do gesto artístico faz da gravura um meio paradoxal, que concilia o múltiplo e o único, o artesanal e o técnico, a narrativa local e os fluxos globais. É nessa tensão, entre o que se imprime e o que se desdobra, que reside sua força enquanto prática pedagógica, artística e política.

Em um contexto contemporâneo marcado pela centralidade das imagens, pelo predomínio das tecnologias digitais e pelo surgimento de novos paradigmas estéticos, a gravura continua a ocupar um espaço de relevância ao oferecer um contraponto à lógica do consumo imediato e da obsolescência programada. Walter Benjamin, em sua célebre reflexão sobre a reprodutibilidade técnica, já apontava que a gravura — assim como outras formas de reprodução — dialoga profundamente com as condições sociais de sua produção. Contudo, em tempos em que o “desenho” das relações humanas parece ser moldado mais pela virtualidade do que pela fisicalidade, a gravura emerge como uma prática que reinventa a materialidade. Ela não apenas registra um gesto, mas cria vínculos, engendra relações e, frequentemente, questiona os próprios meios de sua realização. Essa característica relacional da gravura encontra ecos nas reflexões de Nicolas Bourriaud, para quem a arte relacional é um espaço de troca, um lugar onde a obra é mediadora de encontros. A gravura, em sua dimensão pedagógica e extensionista, expande esses encontros ao propor novas formas de interação entre o público, o artista e o objeto.

O projeto “Gravura na Rede” nasce desse espírito de entrelaçamento. Realizado no curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e utilizando as dependências do Laboratório de Artes Gráficas (LAG) do curso, o projeto articula ensino, pesquisa e extensão em uma proposta que tem como base a democratização da prática artística. Aqui, a gravura é compreendida não apenas como técnica, mas como linguagem de potencial transformador, capaz de atravessar barreiras sociais, culturais e geográficas. A rede que dá nome ao projeto é, ao mesmo tempo, uma metáfora e uma realidade: ela simboliza as conexões tecidas entre os participantes — professores, estudantes e comunidades — e concretiza-se no formato digital que possibilita a circulação e a troca de saberes. Como apontam Deleuze e Guattari, o rizoma é uma estrutura sem hierarquias, capaz de multiplicar-se sem limites pré-definidos; de forma análoga, o “Gravura na Rede” propõe um rizoma pedagógico, em

que o aprendizado se dá de forma horizontal, entrelaçando técnicas tradicionais da gravura com tecnologias contemporâneas.

Esse projeto responde, ainda, a desafios urgentes do nosso tempo. Em uma sociedade marcada pela exclusão e pela desigualdade, iniciativas de extensão universitária têm o potencial de tornar o conhecimento acessível, descentralizando os espaços de produção artística e incluindo sujeitos que, muitas vezes, não têm acesso a práticas como a gravura. É nessa perspectiva que “Gravura na Rede” se insere: como um convite ao encontro entre o tradicional e o contemporâneo, entre o técnico e o sensível, entre a universidade e a sociedade. Mais do que uma atividade pedagógica, o projeto se constitui como uma prática de resistência, reforçando o papel das universidades públicas na construção de um horizonte mais democrático para a arte.

No entanto, esse trabalho vai além da transferência de conhecimentos técnicos. Ele busca refletir sobre o papel da gravura na contemporaneidade, alinhando-se a reflexões sobre o “campo ampliado” da gravura, como proposto por autores como Rosalind Krauss e Maria do Carmo Veneroso. Aqui, a gravura não é um fim em si mesma, mas um meio de explorar novos territórios artísticos e sociais. O projeto se torna, assim, um espaço de experimentação em que as práticas tradicionais de impressão são tensionadas por processos híbridos e sustentáveis, que dialogam com as demandas ambientais e éticas do século XXI.

“Gravura na Rede” é, portanto, uma proposta que se inscreve no campo das artes visuais como uma ação que transforma. Ele ressignifica a prática da gravura ao integrá-la em um projeto coletivo, interdisciplinar e democrático, reafirmando seu papel como linguagem viva e pulsante. Se, como afirma Bourriaud, a arte relacional se define pela criação de contextos de encontro, o projeto “Gravura na Rede” expande esse conceito ao propor uma gravura que não apenas encontra, mas também atravessa, conecta e transforma. É nesse movimento de expansão, troca e criação que reside sua potência como prática artística e extensionista.

2 CONTEXTO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A gravura no Brasil emerge como uma das expressões artísticas que mais dialogaram com as condições sociais, culturais e políticas do país, especialmente a partir do século XX. Distante de um simples processo técnico, ela se consolidou como uma linguagem híbrida, que une o gesto artesanal e a possibilidade de reprodução, gerando imagens capazes de alcançar públicos amplos e variados. Sua história, entretanto, é marcada por transformações e ressignificações que evidenciam as múltiplas potencialidades dessa prática no contexto brasileiro, desde os primeiros experimentos acadêmicos até as iniciativas contemporâneas de coletivos, oficinas e ateliês regionais.

No início do século XX, a gravura foi incorporada ao ensino artístico de maneira sistemática por instituições como o Liceu de Artes e Ofícios no Rio de Janeiro, sob a orientação de artistas como

Carlos Oswald. Essas experiências iniciais estabeleceram a gravura como um campo de prática artística relevante, ao mesmo tempo em que colocaram em evidência as tensões entre o artesanal e o industrial, o local e o global. Contudo, foi a partir dos anos 1940 que a gravura expandiu seu escopo, tanto no ensino quanto na produção artística, especialmente com a criação de espaços dedicados a essa linguagem em diferentes regiões do Brasil. A Fundação Getúlio Vargas, por exemplo, introduziu, em 1946, um curso de Desenho de Propaganda e Artes Gráficas que combinava uma abordagem técnica com um compromisso com as questões sociais, reunindo mestres como Axl Leskoschek e Tomás Santa Rosa, e formando artistas que se tornariam referências nacionais, como Fayga Ostrower e Edith Behring.

Ao mesmo tempo, movimentos coletivos como os Clubes de Gravura surgiram em diferentes regiões do país, destacando a potência política e social dessa linguagem. O Clube de Gravura de Porto Alegre (RS), criado em 1950 por artistas como Carlos Scliar e Danúbio Gonçalves, exemplifica como a gravura se tornou um instrumento de denúncia e transformação social. Inspirados por ideais do realismo socialista, esses artistas produziram gravuras que retratavam a vida do trabalhador e as desigualdades sociais, buscando levar a arte a um público mais amplo. Em diálogo com essas experiências, no Nordeste, o Ateliê Coletivo do Recife (PE), fundado por Abelardo da Hora em 1948, também assumiu um papel central na formação de artistas e na popularização da gravura como meio de engajamento social e, assim, evidenciaram a gravura como uma prática interligada às questões da terra e do povo.

Outro exemplo significativo encontra-se na Oficina Guaianases, com base em Olinda (PE), e frequentada por artistas que foram fruto do Ateliê Coletivo (João Câmara e Gilvan Samico), além de uma nova geração (Delano, Tereza Costa Rêgo, Luciano Pinheiro, Gil Vicente). Essa iniciativa resgatou a gravura e, especialmente a litogravura, como expressão artística fundamental, ao mesmo tempo em que estabeleceu um diálogo com os movimentos contemporâneos. Estes artistas combinaram a narrativa da gravura popular com influências modernas, criando uma síntese que exaltava a tradição ao mesmo tempo em que a projetava para novos horizontes. Essa dimensão híbrida da gravura, que une o passado e o presente, a tradição e a experimentação, continua sendo uma de suas características mais marcantes.

No âmbito teórico, a gravura no Brasil também tem sido interpretada como parte de um “campo ampliado”, conceito desenvolvido por Rosalind Krauss para discutir como categorias artísticas tradicionais, como a escultura, foram reconfiguradas no século XX. Aplicando esse conceito à gravura, autores como Maria do Carmo Veneroso destacam que a prática gráfica não é mais limitada à matriz e ao papel, mas incorpora elementos da fotografia, da instalação, da performance e até do meio digital. A gravura contemporânea, nesse sentido, insere-se em um espaço de hibridização, onde as fronteiras entre as linguagens artísticas são constantemente desafiadas. Essas ressignificações, longe de

enfraquecer a gravura, reforçam sua capacidade de se adaptar e dialogar com as demandas do presente, algo que se torna evidente em projetos como “Gravura na Rede”.

Para além do campo ampliado, as reflexões de Nicolas Bourriaud sobre a estética relacional oferecem outra chave interpretativa para a gravura contemporânea. Segundo Bourriaud, a arte relacional é aquela que prioriza as interações humanas e sociais, transformando o espaço da exposição em um local de encontro e troca. No contexto do “Gravura na Rede”, esse conceito adquire uma dimensão pedagógica, uma vez que o projeto não apenas ensina técnicas de gravura, mas também cria redes de colaboração entre artistas, estudantes e comunidades. Essa dimensão relacional da gravura é ampliada pelo uso de tecnologias digitais, que permitem que os processos de ensino e criação ultrapassem os limites físicos do ateliê / laboratório, conectando diferentes territórios e públicos.

As dimensões rizomáticas da gravura, tal como descritas por Deleuze e Guattari, também se fazem presentes nas experiências coletivas e nos projetos extensionistas. O rizoma, com suas múltiplas entradas e conexões, serve como metáfora para a gravura enquanto prática que atravessa disciplinas, geografias e temporalidades. No caso brasileiro, iniciativas como o “Gravura na Rede” atualizam esse potencial ao criar um rizoma de ensino, produção e circulação que conecta saberes tradicionais a práticas contemporâneas, e espaços locais a circuitos globais.

Dessa forma, o contexto histórico e teórico da gravura no Brasil revela uma prática em constante expansão e reinvenção, que responde tanto às demandas locais quanto às transformações globais. Projetos como “Gravura na Rede” representam uma continuidade dessas tradições ao mesmo tempo em que propõem novos paradigmas para o ensino e a prática artística. No cruzamento entre história, técnica e experimentação, a gravura reafirma seu papel como uma linguagem singular, capaz de conectar o sensível e o político, o individual e o coletivo. É nesse espaço de interseção que o projeto se insere, resgatando o legado da gravura brasileira enquanto aponta para novos horizontes de criação e troca.

3 O PROJETO GRAVURA NA REDE

O projeto “Gravura na Rede” nasce como uma resposta às complexas demandas de democratização e acesso à prática artística, incorporando os princípios de extensão universitária que consolidam o papel das instituições públicas como agentes transformadores da sociedade. Implementado no curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba, este projeto articula ensino, pesquisa e extensão em uma proposta que transcende o mero aprendizado técnico da gravura. Ele configura-se como um espaço de experimentação artística e de fortalecimento do vínculo entre a universidade e as comunidades, enquanto explora as potencialidades de uma linguagem gráfica profundamente arraigada nas tradições artísticas brasileiras.



A ideia central do projeto fundamenta-se na construção de redes — tanto no sentido simbólico quanto no prático. “Gravura na Rede” propõe-se a tecer conexões entre os participantes, promovendo um diálogo horizontal entre professores, estudantes e membros das comunidades atendidas. A metáfora da rede é especialmente relevante, pois reflete uma prática pedagógica rizomática, alinhada ao conceito de Deleuze e Guattari, em que não há hierarquias fixas, mas múltiplos pontos de entrada e possibilidades de interseção. Ao posicionar a gravura como uma linguagem de interação, o projeto torna-se também um exercício de estética relacional, no sentido de Nicolas Bourriaud, promovendo encontros entre diferentes agentes e práticas no campo artístico.

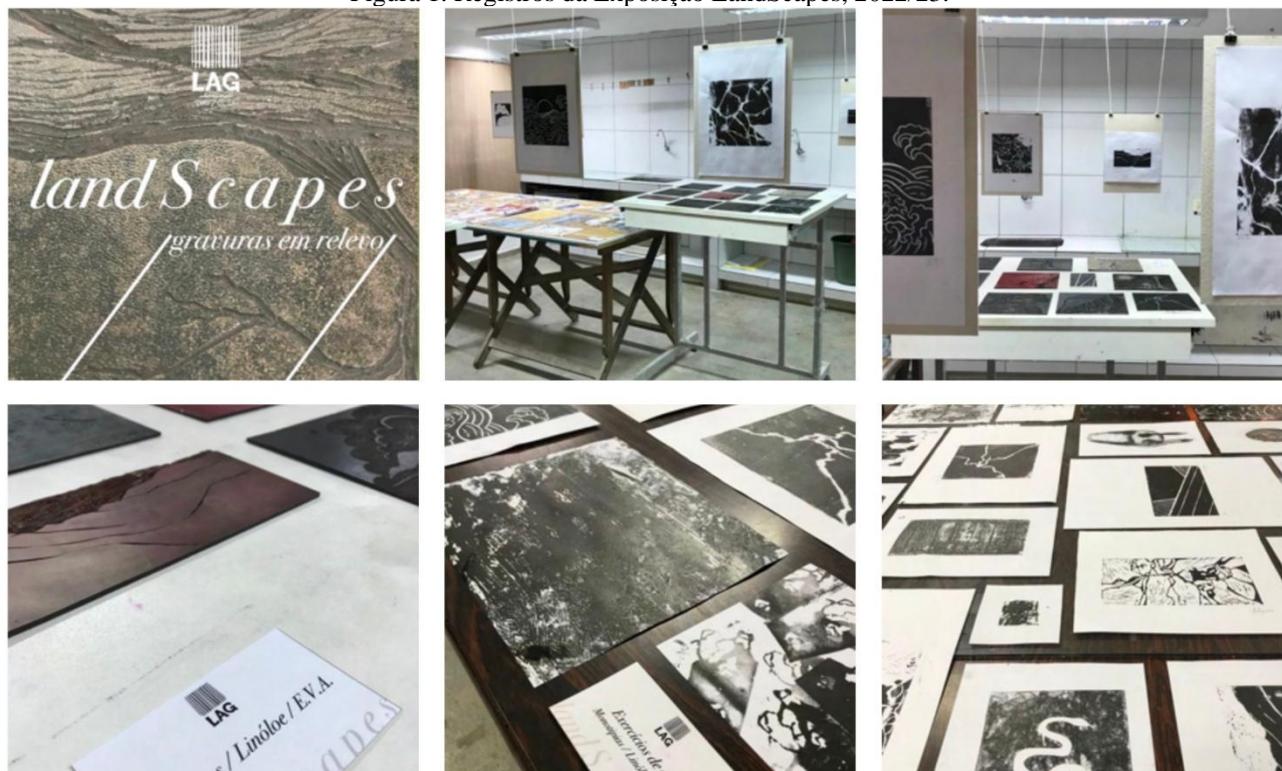
Os objetivos do “Gravura na Rede” vão além do ensino técnico e envolvem a criação de um ambiente inclusivo que favorece o aprendizado coletivo e a experimentação. Em um cenário em que as barreiras sociais e econômicas frequentemente dificultam o acesso às práticas artísticas, o projeto busca romper essas limitações por meio de ações concretas que aproximam a gravura de um público historicamente excluído das dinâmicas culturais institucionais. Nesse sentido, as oficinas realizadas pelo projeto têm como premissa o uso de materiais acessíveis e métodos sustentáveis, incluindo a aplicação de técnicas de impressão que reduzem o impacto ambiental, como o uso de matrizes não tóxicas e processos híbridos que integram ferramentas experimentais ao tradicional.

Uma das características mais marcantes do projeto é a sua abordagem metodológica, que alia a prática artística à pesquisa crítica. Durante as aulas e oficinas, os participantes não apenas aprendem técnicas tradicionais, como a xilogravura, a monotipia e a linoleogravura, mas também são convidados a refletir sobre os significados históricos e culturais dessas práticas. A introdução de referências teóricas, como os conceitos de campo ampliado de Krauss e de gravura híbrida de Veneroso, enriquece as discussões, ampliando o entendimento sobre a gravura como um campo que ultrapassa o ateliê e se expande para espaços sociais e digitais. Essa metodologia contribui para formar artistas que não apenas dominam a técnica, mas também compreendem seu potencial como ferramenta crítica e transformadora.

O alcance do projeto “Gravura na Rede” pode ser observado em sua capacidade de engajar diferentes públicos e territórios. Desde a sua implementação, o projeto tem impactado comunidades diversas, conectando realidades urbanas e rurais em ações que promovem a troca de saberes e experiências. As atividades realizadas incluem desde oficinas práticas até exposições que exibem os trabalhos produzidos pelos participantes, consolidando o papel da gravura como uma linguagem que transita entre o singular e o múltiplo. As exposições, em particular, servem como espaços de diálogo entre os artistas e o público, desafiando a lógica contemplativa tradicional e propondo interações mais ativas. Neste sentido, o próprio local do Laboratório de Artes Gráficas da UFPB (LAG) serve de espaço expositivo; bem como a Galeria Lavandeira - equipamento do Centro de Artes da UFPB. Aqui, a

gravura relacional, no espaço expositivo, conforme descrita por Bourriaud, manifesta-se como um convite à participação e à construção coletiva da experiência estética.

Figura 1. Registros da Exposição LandScapes, 2022/23.



Fonte: autor.

Um aspecto que merece destaque é o impacto social do projeto, especialmente em comunidades que enfrentam vulnerabilidades econômicas e culturais. Ao levar oficinas de gravura a escolas públicas, centros comunitários e espaços culturais, “Gravura na Rede” promove o acesso a uma prática artística que historicamente esteve restrita a espaços institucionais e elitizados. Para além disso, professores, estudantes e egressos do LAG também têm participado do circuito de multiplicação do projeto, oferecendo oficinas, cursos e fazendo exposições em espaços e equipamentos culturais da Universidade (fora do Centro de Artes) e fora da própria universidade - como o Espaço Cultural José Lins do Rêgo, a Galeria Archidy Picado, O Memorial Abelardo da Hora, A Estação Cabo Branco, entre outros. Esse movimento dialoga diretamente com iniciativas históricas, como o Clube de Gravura de Porto Alegre e o Ateliê Coletivo do Recife, que também buscaram democratizar o acesso à gravura, utilizando-a como um instrumento de crítica social e de empoderamento comunitário.

Figura 2. Registros da Exposição Gravura e Deriva, 2023.



Fonte: autor.

Além disso, o projeto se insere em uma perspectiva contemporânea ao explorar as potencialidades das tecnologias digitais na prática da gravura. A integração com ferramentas tecnológicas permite que os participantes experimentem novos processos de criação, expandindo o campo tradicional da gravura. Essa abordagem não apenas atualiza a prática artística, mas também a torna mais inclusiva, pois abre caminhos para a participação de pessoas que, por razões físicas ou geográficas, talvez não tivessem acesso às técnicas tradicionais.

Outro ponto relevante é a inserção do projeto no contexto acadêmico, em que ele funciona como um laboratório para o desenvolvimento de pesquisas sobre ensino de arte, metodologias participativas e sustentabilidade na prática artística. Os resultados gerados pelo projeto — sejam eles em forma de obras, reflexões teóricas ou novos métodos de ensino — são sistematicamente documentados e compartilhados, contribuindo para a consolidação de um repertório de conhecimento acessível e replicável em outras instituições. Contando com o apoio fundamental de dois técnicos concursados e colaboradores do LAG, conseguimos ter um ambiente de excelência para o desenvolvimento do que propomos. Por fim, o perfil do LAG na rede social Instagram amplia ainda mais a divulgação e disseminação das atividades, resultados e práticas em gravura, com potencial de alcance mundial. “Gravura na Rede” é, assim, mais do que um projeto extensionista; é um espaço de resistência e reinvenção que afirma a importância da arte como prática coletiva e transformadora. Ele resgata a gravura como uma linguagem que conecta o passado ao presente, o local ao global, o artesanal ao tecnológico. Ao propor uma gravura que não se limita ao papel, mas que se expande em redes,

espaços e relações, o projeto se posiciona como um modelo de inovação pedagógica e artística, reafirmando o compromisso da universidade pública com a construção de um futuro mais inclusivo e criativo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados pelo projeto “Gravura na Rede” destacam-se não apenas pela produção artística gerada ao longo de sua execução, mas também pela profunda transformação social, pedagógica e estética promovida nos diversos contextos em que foi inserido. A gravura, enquanto linguagem artística com forte potencial crítico e democrático, revelou-se como um instrumento poderoso para fomentar diálogos entre o técnico e o conceitual, o individual e o coletivo, o acadêmico e o popular. Os frutos do projeto vão além das obras realizadas; eles se manifestam na ampliação das redes de conhecimento, nas trocas simbólicas entre os participantes e na ressignificação do papel da extensão universitária no campo das Artes Visuais.

No campo da produção artística, o “Gravura na Rede” possibilitou a criação de uma vasta e diversa gama de trabalhos que transitam entre as linguagens tradicionais e contemporâneas. Os participantes, em especial os das comunidades atendidas, foram instigados a experimentar técnicas como a xilogravura, o linóleo e a gravura com carimbos, além de processos experimentais que incorporaram elementos de colagem, recortes, moldes vazados, isopor, papelão e embalagens cartonadas. Processos adjuntos também fizeram parte, como oficinas de Cordel e de Papel Reciclado. A hibridização dos métodos permitiu que as obras refletissem a complexidade do contexto em que foram produzidas, dialogando com questões de identidade, território e memória. Essa pluralidade de resultados reforça o conceito de gravura como um “campo ampliado”, em que a matriz tradicional se expande para integrar novas materialidades e formas de expressão, conforme argumentado por Veneroso (2012).

Figura 3. Registros da Exposição Eu no Mundo, 2024.



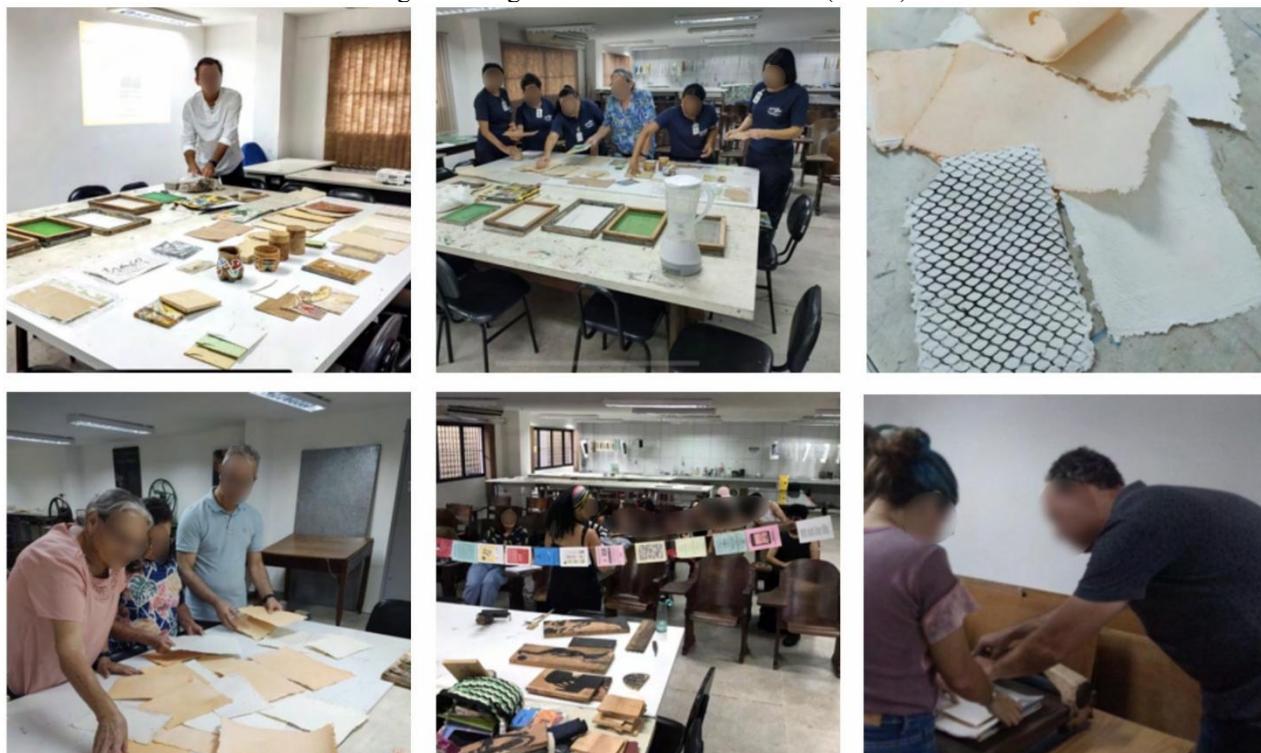
Fonte: autor.

Um dos aspectos mais significativos das oficinas foi a oportunidade de explorar a gravura como uma prática relacional. Ao abandonar a lógica tradicional de uma obra finalizada exclusivamente pelo artista, muitos trabalhos passaram a incorporar intervenções do público, transformando-se em narrativas coletivas. Bourriaud (2009) argumenta que a obra de arte relacional se constitui a partir das interações que ela suscita, e esse princípio encontrou ressonância nas exposições realizadas pelo projeto. Em uma das oficinas realizadas em uma escola pública de João Pessoa, por exemplo, gravuras foram propositalmente expostas sem vidro protetor, permitindo que o público as completasse com desenhos ou inscrições. O resultado foi um diálogo vivo entre os participantes e as obras, que transcendeu a contemplação passiva e instaurou um processo de construção coletiva de significado.

Do ponto de vista social, o impacto do projeto foi igualmente expressivo. Comunidades que tradicionalmente têm acesso limitado a práticas artísticas puderam não apenas experimentar a gravura, mas também reconhecer-se como parte do processo criativo. Muitas vezes, o ato de gravar a matriz tornou-se um gesto simbólico de apropriação cultural e política, especialmente em contextos marcados pela exclusão. Como apontado por Freire (1987), a educação deve ser um ato de libertação, e o “Gravura na Rede” exemplificou essa perspectiva ao transformar a prática artística em uma ferramenta de empoderamento. Em comunidades (especialmente as para além dos estudantes) atendidas pelo projeto, por exemplo, os participantes criaram gravuras que retratavam suas lutas cotidianas e práticas culturais locais. Esses trabalhos, posteriormente exibidos em exposições, serviram como um

testemunho das dinâmicas sociais em jogo e evidenciaram o papel da gravura como meio de resistência e expressão.

Figura 4. Registros de atividades do LAG (ofinas).



Fonte: autor.

A dimensão pedagógica do projeto também apresentou resultados notáveis. Os estudantes de Artes Visuais envolvidos como monitores das oficinas relataram um aprendizado significativo que foi além das técnicas de gravura. Eles vivenciaram a importância do diálogo intercultural, a necessidade de adaptar metodologias aos diferentes contextos e a riqueza das trocas simbólicas entre o saber acadêmico e os saberes locais. A participação não apenas do professor e coordenador do LAG, mas também o engajamento dos servidores técnico-administrativos nas oficinas e workshops foi fundamental para expandir o sentido de pertencimento sobre o espaço, e suas contribuições, inclusive como oficineiros, foi extremamente salutar ao processo. Essas experiências apontam para a relevância da extensão universitária como um espaço formativo não apenas para as comunidades atendidas, mas também para os próprios estudantes, que desenvolvem habilidades críticas, empáticas e reflexivas.

No entanto, os resultados alcançados não foram isentos de desafios. A implementação do projeto enfrentou dificuldades logísticas e estruturais, como a falta de recursos materiais em algumas localidades e a necessidade de adaptar as oficinas a espaços improvisados. Esses obstáculos, embora inicialmente percebidos como limitações, acabaram por estimular a criatividade dos organizadores e dos participantes. O uso de matrizes improvisadas, como folhas de acetato e madeira reciclada, tornou-se uma solução criativa que, além de superar os entraves, reforçou o compromisso do projeto com

práticas sustentáveis. Essa adaptação reafirma o caráter inovador do “Gravura na Rede”, que não apenas se propôs a ensinar a gravura, mas a reinventá-la de acordo com os contextos em que foi aplicada.

Outro ponto de reflexão diz respeito à necessidade de consolidar as redes criadas pelo projeto. Se, por um lado, a circulação das obras e a continuidade das interações artísticas em exposições itinerantes demonstraram o potencial de longo alcance do projeto, por outro, elas também revelaram a fragilidade das iniciativas extensionistas que dependem de financiamentos pontuais. A institucionalização de projetos como o “Gravura na Rede” emerge, assim, como uma questão urgente para garantir a sustentabilidade e a replicabilidade das ações realizadas.

Por fim, cabe ressaltar que os resultados do projeto não podem ser avaliados apenas pelos produtos tangíveis gerados — como as obras ou as exposições —, mas também pelos processos imateriais que ele desencadeou. O fortalecimento dos vínculos entre universidade e comunidade, a ampliação do repertório estético e crítico dos participantes e a transformação da gravura em um espaço de encontro e diálogo são legados que transcendem os limites do projeto. Esses resultados apontam para a gravura como uma prática que continua a se reinventar, reafirmando sua relevância como linguagem viva e potente no cenário contemporâneo.

Assim, “Gravura na Rede” se inscreve não apenas como um projeto extensionista bem-sucedido, mas como uma experiência paradigmática que reafirma o papel transformador da arte. Ele ressignifica a gravura ao integrá-la em práticas coletivas e sustentáveis, ampliando seus horizontes técnicos e conceituais enquanto fortalece as relações entre o artístico, o pedagógico e o social. A gravura, nesse contexto, torna-se mais do que um meio de expressão; ela se converte em um campo de interações, em um rizoma de significados e em um testemunho das possibilidades que emergem quando a arte é colocada a serviço do coletivo.

Entre 2022 e 2024 tivemos as seguintes oficinas e exposições realizadas (tanto por alunos, por colaboradores, por professores ou por artistas convidados):

- Exposição Sentimentos
- Exposição LandScapes
- Exposição Libertas
- Exposição Gravura e Deriva
- Exposição Eu No Mundo
- Exposição Descaminhos
- Oficina Expressões Artísticas da Memória Popular Nordestina
- Oficina Carimbo Artístico
- Oficina Experimentações com Papel de Papel
- Oficina Gravura com Embalagens Tetra Pak

Figura 5. Registros de atividades do LAG (ofinas).



Fonte: autor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto “Gravura na Rede” transcendeu a expectativa inicial de ser uma iniciativa extensionista voltada para o ensino e a prática da gravura. Ele revelou-se como um espaço de transformação que conjugou a potencialidade técnica e artística da gravura com o compromisso ético e social da universidade pública. A gravura, em sua essência híbrida e plural, tornou-se o catalisador de processos coletivos que ressignificaram práticas artísticas e pedagógicas, promovendo encontros entre pessoas, territórios e saberes que, de outro modo, permaneceriam desconectados.

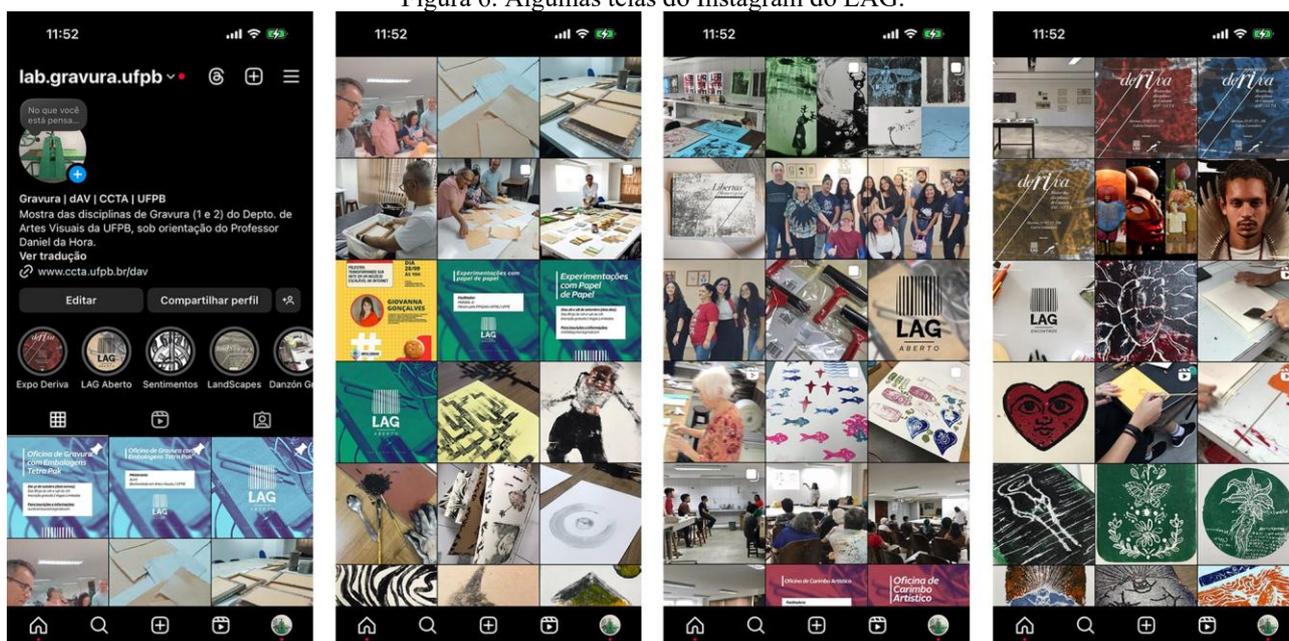
A partir das ações realizadas, foi possível reafirmar a importância da extensão universitária como um dos pilares fundamentais para consolidar a arte enquanto prática socialmente engajada. Os resultados obtidos, mais do que mensuráveis, são experienciáveis: estão nos gestos dos participantes que transformaram matrizes improvisadas em obras significativas; nas redes de aprendizado que se estabeleceram entre estudantes, professores e comunidades; e nos espaços compartilhados de criação e reflexão que geraram não apenas gravuras, mas também laços de pertencimento e reconhecimento mútuo. Nesse sentido, o projeto confirmou a visão de Paulo Freire (1987) sobre o papel da educação enquanto ato de libertação, demonstrando que o ensino da arte pode ser também um exercício de autonomia e de empoderamento.

As múltiplas linguagens que compõem a gravura — desde suas matrizes tradicionais até as possibilidades digitais — reafirmaram seu caráter expansivo, como discutido por Rosalind Krauss e Maria do Carmo Veneroso. O campo ampliado da gravura não é apenas um espaço de experimentação

técnica, mas também uma metáfora para a capacidade da arte de atravessar fronteiras e construir pontes entre contextos culturais diversos. Essa qualidade rizomática, conforme descrita por Deleuze e Guattari, encontrou no “Gravura na Rede” um exemplo paradigmático. O projeto foi tecido como uma rede viva, cujas conexões não apenas permaneceram ativas durante sua execução, mas também se estenderam para além dela, em desdobramentos que continuarão a reverberar no tempo e no espaço.

No entanto, ao mesmo tempo em que o projeto se mostrou uma experiência rica e significativa, ele também revelou os desafios estruturais que ainda limitam a continuidade e a expansão de iniciativas como esta. A falta de recursos e o caráter fragmentado de muitos projetos extensionistas no Brasil expõem a fragilidade do suporte institucional em um momento em que o papel da universidade pública é constantemente questionado. Assim, torna-se imprescindível pensar em políticas que assegurem não apenas a execução, mas a perenidade de ações como o “Gravura na Rede”. A valorização da arte como prática transformadora precisa estar associada ao fortalecimento de redes de financiamento e apoio, garantindo que projetos extensionistas possam continuar a desempenhar seu papel de forma sustentável.

Figura 6. Algumas telas do Instagram do LAG.



Fonte: autor.

A contribuição acadêmica do projeto também não pode ser negligenciada. Ao integrar a prática da gravura com o campo da pesquisa e da reflexão crítica, o “Gravura na Rede” consolidou-se como um espaço de inovação pedagógica, gerando novos métodos e conhecimentos que podem ser replicados em outros contextos. Além disso, ele reafirmou o potencial da gravura como linguagem contemporânea, capaz de dialogar com questões urgentes do presente, como a sustentabilidade, a acessibilidade e a democratização do acesso à cultura. A resiliência do projeto em articular o local e o global, o tradicional e o contemporâneo, o técnico e o conceitual demonstra que a gravura continua a



ser uma linguagem pulsante e relevante, adaptando-se às demandas de um mundo em constante transformação.

No âmbito artístico, o projeto consolidou a gravura como um espaço de resistência e criação, capaz de desafiar narrativas hegemônicas e incluir vozes marginalizadas no processo criativo. As obras produzidas pelos participantes, ao mesmo tempo singulares e coletivas, testemunham a riqueza estética e a profundidade reflexiva que emergem quando a prática artística é compartilhada. Mais do que artefatos, essas gravuras são testemunhos de encontros, gestos e histórias que refletem a potência transformadora da arte enquanto linguagem do sensível e do político.

Conclui-se, portanto, que o “Gravura na Rede” não foi apenas um projeto, mas uma experiência fundadora, que reafirma o papel da arte e da universidade pública como agentes indispensáveis na construção de um futuro mais inclusivo, criativo e democrático. Ele não se encerra em si mesmo, mas deixa como legado uma rede de conexões e possibilidades que continuarão a ser exploradas por aqueles que participaram de sua construção. Nesse sentido, o projeto cumpre não apenas sua função educativa, mas também uma função poética, na medida em que nos convida a imaginar e a construir novas formas de estar no mundo — formas em que a arte não é apenas uma prática, mas um modo de resistência, de vínculo e de transformação. A ação extensionista “Gravura na Rede” permanece ativa e é um projeto aprovado e em execução do Departamento de Artes Visuais da UFPB, sob orientação do professor Daniel da Hora, que também é o coordenador do LAG.



REFERÊNCIAS

- BERTOLETTI, A.; CAMARGO, P. Gravura: história, técnicas e contemporaneidade. Curitiba: InterSaberes, 2016.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- CATAFAL, J.; OLIVA, C. A Gravura. Lisboa: Estampa, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1: O rizoma. São Paulo: Editora 34, 1995.
- FERREIRA, O. C. Imagem e letra: introdução à bibliologia brasileira – a imagem gravada. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1994.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GÓMEZ, A. F. Gravura: uma introdução. Vitória: Ne@ad/UFES, 2011.
- HUGHES, A. D.; VERNON-MORRIS, H. The printmaking bible. São Francisco: Chronicle Books, 2008.
- KORNIS, M. A gravura brasileira na coleção Mônica e Georges Kornis. Rio de Janeiro: Conjunto Cultural da Caixa/Ipsis, 2007.
- KOSSOVITCH, L.; LAUDANNA, M.; RESENDE, R. Gravura: arte brasileira do século XX. São Paulo: Cosac Naify; Itaú Cultural, 2000.
- KRAUSS, Rosalind. Sculpture in the expanded field. October, Cambridge, v. 8, p. 30-44, 1979.
- LUZ, Angela Ancora da. História da gravura artística. São Paulo: Nobel, 1988.
- MICHELSON, Annette. Sustainability in art practices: a new perspective. Artforum International, v. 54, n. 3, p. 20-27, 2016.
- OSORIO, Luiz Camillo. Crítica de arte no Brasil: entre a modernidade e a contemporaneidade. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2005.
- RELATÓRIO FINAL. Gravura na Rede: democratização e práticas artísticas contemporâneas. João Pessoa: UFPB, 2023.
- TOLEDO, C.; MAGALHÃES, A.; BROWNLEE, P. (Org.). Atelier 17 e a gravura moderna nas Américas. São Paulo: MAC-USP, 2019.
- VENEROSO, Maria do Carmo. Gravura e experimentação: diálogos contemporâneos. Belo Horizonte: C/Arte, 2012.